
Resenha

Homero e os Artistas

SNODGRASS, Anthony. *Homero e os Artistas: Texto e Pintura na Arte Grega Antiga.* Trad. Luiz Alberto M. Cabral e Ordep José T. Serra. São Paulo: Odysseus, 2004. ISBN 8588023598, 263p.

Anthony Snodgrass e outros arqueólogos da ‘Escola de Cambridge’ (I. Morris e J. Whitley) revolucionaram os estudos sobre a formação das cidades-estados no mundo grego. Eles defenderam a hipótese de que a partir dos IX/VIII séculos a.C. ocorreu um significativo aumento populacional evidenciado pelas tumbas encontradas nas necrópoles. Tal fenômeno contribuiu para o que os antigos gregos chamava de *synoecismo* (unificação da cidade), estas idéias podem ser encontradas em sua obra *Archaic Greece* de 1980.

Em sua recente obra *Homero e os Artistas* (primeira edição de 1998), Snodgrass volta a mergulhar neste ‘mundo obscuro’, quer dizer, na passagem do período geométrico para o *políade*. O autor parte de uma questão em sua pesquisa: será que os artistas, principalmente os ceramistas, baseavam-se nos relatos homéricos para comporem suas narrativas pictóricas?

Os artesãos gregos, de acordo com a interpretação de Snodgrass, não tiveram Homero como ‘fonte inspiradora’. “(...) não conseguimos detectar, na arte do século VIII a.C., um único reflexo incontestável do impacto dos poemas homéricos.” (p. 70) O autor analisa várias pinturas contidas na cerâmica grega para mostrar que os pintores se utilizaram da

tradição oral. O pintor heleno escolhia, diante do repertório mítico, o que ele poderia representar no limitado espaço do suporte cerâmico. Desta forma, um pintor ateniense resolveu representar o encontro de Odisseus com a feiticeira Circe no exterior de uma taça - *kýlix*. Entretanto, ao comparar o relato homérico na Odisséia com a taça, Snodgrass percebeu que o artífice suprimiu de sua narrativa o encontro de Odisseus com Hermes. (p. 99)

Snodgrass deixa bem claro que o seu principal objetivo na obra foi o de mostrar a total independência dos pintores gregos quando criavam suas imagens. Para o autor não houve um empréstimo e nem mesmo uma ‘influência’ homérica nos esquemas pictóricos dos artesãos arcaicos. Snodgrass aposta que eles eram a ‘corrente principal’ da arte do período, principalmente do geométrico tardio: “*Artistas que exercem a profissão no meio artístico dominante de sua sociedade logo adquirem o hábito de independência intelectual: eles sabem que os profissionais de outras artes tenderão a voltar-se para eles em busca de idéias.*” (p. 82)

O ‘mundo homérico’ tem despertado a atenção de pesquisadores de diferentes disciplinas desde o século XX. Um marco importante foi a obra de Moses Finley, *O Mundo de Ulisses*, publicada em 1965. Este historiador chamou a atenção

dos estudiosos de Antigüidade para questões e perguntas a respeito dos períodos geométrico e arcaico. Nos últimos anos estamos acompanhando uma profunda renovação destes estudos com as obras de

Évelyne Scheid-Tissinier, Pierre Vidal-Naquet e Antony Snodgrass. Os poemas criados por Homero e as imagens dos artesãos helenos cada vez mais serão alvo de estudos e discussões entre os helenistas.

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Doutor em História Social pela UFRJ

Professor de História Antiga – UMSB

Co-Editor da *Hélade*

cipselo@yahoo.com.br

Referências Bibliográficas:

ETIENNE, R. *et al. Archéologie Historique de la Grèce Antique*. Paris: Ellipses, 2000.

FINLEY, M.I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1988.

SCHEID-TISSINIER, E. *L'Homme Grec aux Origines de la Cité*. Paris: Armand Colin, 1999.

SNODGRASS, A. *La Grèce Archaique: le Temps des Apprentissages*. Paris: Hachette, 1986.

VIDAL-NAQUET, P. *O Mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.